

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA**  
**23 de Fevereiro de 2024**

**L'ŒIL QUI MENT / 1992**

*Um filme de Raúl Ruiz*

Realização : Raúl Ruiz / Argumento: Raúl Ruiz e Paul Fontaine / Direcção de Fotografia: Ramón F. Suárez / Direcção Artística: Luís Monteiro / Música: Jorge Arriagada / Som: Pascal Metge e Jean-Paul Mugel / Montagem: Hélène Muller / Interpretação: John Hurt (Anthony / o Marquês), Didier Bourdon (Félicien), Lorraine Evanoff (Ines), David Warner (Ellic), Daniel Prévost (o cura), Myriem Roussel (a virgem das imitações), Felipe Dias (a criança), Rui Mendes, Rui Luis Brás, Alexandre de Sousa, Suzana Borges, João Baião, etc.

Produção: Sidereal Productions – SACEM – Animatógrafo / Produtor: Leonardo de la Fuente / Produtor Executivo em Portugal: António da Cunha Telles / Cópia 35mm, colorida, com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Entre as várias curiosidades de **L'Oeil qui Ment** está o facto de constituir mais um episódio da longa e continuada relação entre o cineasta chileno e Portugal, aqui numa produção franco-portuguesa, totalmente ou quase totalmente rodada neste país, e com a parte lusitana da produção assegurada não pelo habitual Paulo Branco mas por António da Cunha Telles, através da sua Animatógrafo. Nem esta forte componente portuguesa (onde há que incluir ainda um vasto contingente de actores), no entanto, tornou o filme apetecível para os distribuidores nacionais, e **L'Oeil qui Ment**, apesar de ter sido estreado na maior montra internacional de “cinema de autor” (o Festival de Cannes, edição de 92), ficou inédito em Portugal, e muito pouco visto, seja por cá seja pelo estrangeiro.

Nos diálogos do filme, ainda no princípio, surge uma frase que bem podia ser usada como súpula da obra cinematográfica de Ruiz: “os olhos mentem, porque nos convencem de que tudo é apenas realidade” (citamos de memória, mas esta ideia é pelo menos a essência da frase). Ora, em Ruiz, há que estar sempre atento às mentiras dos olhos, porque nos seus filmes nada é “apenas realidade”, nada é sequer apenas *uma* realidade, porque ela se dobra, multiplica e desmultiplica, sobrepõe-se em camadas e universos paralelos, em pontos de vista objectivos e subjectivos, até que tudo seja indistinguível e a “realidade” se torne, portanto, uma coisa compósita, um bricabraque mais ou menos demoníaco cheio de portas, corredores e alçapões, onde a única coisa certa e objectiva é o facto de se tratar de uma *realidade cinematográfica*, e essa ser toda a realidade que importa. **L'Oeil qui Ment** não é um filme “teórico”, embora como habitualmente as suas personagens, que leem muitos livros ou parecem sair elas próprias de muitos livros, “teorizem” muito em tentativas frustradas de “explicar”, através de uma perspectiva racionalizante, o delírio a que assistem ou em que participam. Mas contém, de certa forma, a “teoria” de Ruiz.

Em parte, o confronto entre a razão (a razão científica) e qualquer coisa de muito mais indefinível, da ordem do misticismo, do delírio insano, do onirismo (e, por que não, do literário), está na raiz narrativa do filme, através da viagem do Doutor Félicien a Portugal num período mais ou menos contemporâneo da I Guerra Mundial. Para além de médico é um linguista amador, e tem um prazer especial em escutar a Babel dos hospitais de guerra, cheios de feridos de muitas nacionalidades diferentes. Mas entre as coisas que encontra em Portugal está uma manifestação do mais inexplicável misticismo – as aparições da virgem, que plana sobre a terra e sobre as casas (e é a rara Myriem Roussel, que uns anos antes fora a virgem do **Je Vous Salue, Marie** de Godard, no que parece uma escolha de “casting” cheia de intenções). De certa forma, o filme decorre disto, deste confronto entre a mentalidade científica, positivista, do princípio do século XX, e as ironias de uma *realidade* (no sentido ruiziano do termo) que lhe está sempre a escapar. Como escapa ao espectador do filme, sempre a ser desarmado (também sempre a ser desarmado pelo sardónico e quase auto-destrutivo sentido de humor de Ruiz, que praticamente não resiste a incluir em cada cena um detalhe qualquer que não lhe atribua uma chave cómica e derrisória), pelos “túneis” da realidade, pelos reflexos e espelhos que cada passo da narrativa faz descobrir, como se aqui literariamente andássemos sob a égide de Poe ou de Lovecraft, razão também porque nunca um filme de Ruiz fará evocar tanto o cinema de John Carpenter (**In the Mouth of Madness** vem muito ao espírito), e se calhar até é por isso que, em termos de elenco, se trate do mais anglo-saxónico (John Hurt, David Warner) dos filmes de Ruiz. Do *olho que mente à boca da loucura* vai um pulinho.

Luís Miguel Oliveira